

# A MENSAGEM UNIVERSAL E ATEMPORAL DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Julio Cezar Lazzari Junior\*

## RESUMO

*A parábola do Bom Samaritano contém lições universais e atemporais e em qualquer época a aplicação de sua mensagem beneficiará os homens, produzindo sociedades melhores em suas relações humanas. Neste artigo pretendemos entender o fundo histórico no qual a parábola foi proferida, o que aumentará a nossa compreensão da sua mensagem e nos ajudará a contextualizarmos suas lições. A partir do bom exemplo do samaritano e da indiferença do sacerdote e do levita diante do necessitado, poderemos entender como o preconceito e o desprezo pelo próximo são sentimentos que causam dano à alma e como o amor puro, vindo de quem menos esperamos, é a chave para o convívio pacífico entre os homens e para a verdadeira espiritualidade.*

**Palavras-chave:** *Preconceito. Indiferença. Compaixão. Próximo.*

## ABSTRACT

*The parable of the Good Samaritan has universal and timeless lessons and at any time the application of your message will benefit men, producing best societies in their human relations. In this article we aspire to understand the historical background in which the parable was given, which will increase our understanding of its message and help us to contextualize their lessons. From the good example of the Samaritan and the indifference of the priest and Levite in the face of need, we understand how prejudice and contempt for others are feelings that cause damage to the soul and as pure love, coming from whom we least expect is the key for peaceful coexistence between men and true spirituality.*

**Keywords:** *Prejudice. Indifference. Compassion. Neighbor.*

---

\* Bacharel e Licenciado em Teologia, Tecnólogo em Comunicação em Marketing, Pós-Graduado em Marketing Internacional (Uninove) e em Ciências da Religião (PUC-SP) e Mestrando em Filosofia (USJT); julio\_lazzari@ig.com.br

## INTRODUÇÃO

### A Parábola na Íntegra de Lc 10,25-37

<sup>25</sup> E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? <sup>26</sup> E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? <sup>27</sup> E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. <sup>28</sup> E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás. <sup>29</sup> Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? <sup>30</sup> E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. <sup>31</sup> E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. <sup>32</sup> E d' igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e vendo-o, passou de largo. <sup>33</sup> Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; <sup>34</sup> E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; <sup>35</sup> E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar. <sup>36</sup> Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? <sup>37</sup> E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira.

### 1. ENTENDENDO O FUNDO HISTÓRICO NA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

A parábola do Bom Samaritano ensina, indubitavelmente, lições profundas para a prática cotidiana, mas foi bastante provocadora para os contemporâneos de Jesus, em especial para os líderes religiosos. Para compreendê-la é imprescindível ao leitor ter conhecimento das relações existentes, à época, entre judeus e samaritanos e como o relacionamento entre os dois povos

se formou ao longo do tempo. Sem este conhecimento, o entendimento da parábola fica bastante reduzido e o uso que Jesus faz das figuras do samaritano, do levita e do sacerdote passa despercebido.

O reino unificado de Israel teve fim quando o rei Salomão faleceu e as tribos do norte foram até Roboão, o novo rei, pedir alívio na carga tributária. Roboão, seguindo o conselho impetuoso dos jovens que cresceram com ele, com palavras duras deu a entender que não só manteria os altos impostos, como os aumentaria, provocando grande revolta entre a população, liderada por Jeroboão, que veio a se tornar o rei das tribos nortistas. A partir daí houve separação entre as tribos do norte e do sul, na política e na religião e, algum tempo depois, Samaria se tornou a capital do reino do norte, enquanto Jerusalém a capital do reino do sul (1Rs 12). Champlin comenta a respeito: “Agora, através da resposta tola dada por Roboão, antigos antagonismos rebentaram sob a forma de rebelião e cisma. Duas nações surgiram onde antes havia uma única” (CHAMPLIN, 2001, p. 1409).

A situação piorou após a volta de Judá do exílio da Babilônia, sob a ordem de Ciro, quando os samaritanos quiseram participar na reconstrução do templo de Jerusalém, mas os judeus não aceitaram (Ef 4,1-4). Champlin faz um comentário que pode nos mostrar a razão desse ocorrido:

[...] Samaria e outras cidades importantes foram dominadas [no cativeiro assírio]. Seguiu-se então o cativeiro da maioria dos sobreviventes [...] Os hebreus que foram deixados misturaram-se então com os povos que os assírios enviaram para ocupar a terra! A população mista resultante foi chamada de “samaritana” (CHAMPLIN, 2001, p. 5228).

A pureza racial era muito importante para os judeus e isso pode ser visto na análise das genealogias no livro de Esdras, as quais tinham como um dos intuitos comprovar a legitimidade da tribo de Judá na continuação da nação de Israel, provada pela sua ancestralidade abraâmica. A mistura com outros povos representava um perigo espiritual e ela não podia ser tolerada. Esse fato é percebido no rigor com que Esdras tratou os hebreus que tiveram casamentos mistos. Todavia, esse foi mais um elemento de separação no convívio do judeu com o samaritano e serviu para aumentar a rejeição de um povo pelo outro.

O aspecto religioso, sempre importante na construção da identidade dos povos, também foi fundamental para dificultar as relações entre judeus

e samaritanos e fomentar mais conflitos. Após a divisão do reino de Israel, Jeroboão, por questões políticas, temendo perder o seu povo para o adversário Roboão, trocou o local de culto, evitando que o povo fosse a Jerusalém por ocasião das festas religiosas anuais. Assim, até mesmo o local de adoração a Deus servia de divergências e os resquícios da separação podem ser vistos no espanto da mulher samaritana ao observar Jesus tentando conversar com ela. Este relato mostra que a inimizade se estendeu por séculos e deixa claro como a questão religiosa influenciou bastante, já que a samaritana mencionou o local de adoração como ponto de controvérsia entre os dois povos (Jo 4). Champlin confirma:

As divergências religiosas entre os judeus de Jerusalém e os samaritanos giravam, essencialmente, em torno do lugar de adoração, ao mesmo tempo em que os samaritanos não aceitavam como Escrituras os escritos dos profetas e esperavam que Moisés voltasse como uma espécie de Messias [...] O templo samaritano de Gerizim era o fulcro principal do antagonismo, mas a mistura racial dos samaritanos era menosprezada pelos judeus de Jerusalém (CHAMPLIN, 1995, vol. 2, p. 109).

O leitor moderno pode achar estes motivos irrelevantes e exagerados para produzir tantos conflitos, mas não podemos ser anacrônicos ao analisarmos um fato histórico. Sendo assim, estamos viajando na história para entender a origem e o desenvolvimento da inimizade entre judeus e samaritanos e, assim, estarmos bem informados para compreender a parábola, objeto da nossa análise.

Diante de todos estes conflitos entre as duas nações, como se sentiram os líderes religiosos que ouviram a parábola que retrata a indiferença, diante de um necessitado, de duas figuras respeitadíssimas no contexto judaico, o levita e o sacerdote, e demonstra que o odiado, desprezado, apóstata, cumpriu a Lei de Moisés?

Para contextualizar a parábola, troque as figuras citadas por outras mais familiares a nós. Pense em um soldado norte-americano abandonado e ferido em uma rua qualquer de Bagdá e dois norte-americanos passando indiferentes, apressados pelo dever, fingindo que não viram o necessitado. Mas um iraquiano, a caminho da Mesquita, parou, buscou ajuda, levou-o a um hospital e pagou todas as despesas. Ou então pense em um israelense muito ferido na Faixa de Gaza e um palestino provendo a ele todo

o cuidado necessário para restabelecer-lhe a saúde. Parece difícil imaginar cenas assim com povos em conflitos sérios e profundos, mas é exatamente o que a mensagem da parábola do Bom Samaritano traz à mente. É mais fácil não nos chocarmos com esta parábola devido ao simples fato de que o ódio existente entre judeus e samaritanos não faz parte da nossa realidade histórica. Porém, ao inserirmos pessoas e povos mais próximos do nosso cotidiano na parábola, o que sentimos e o que sentiram os ouvintes originais da parábola, o abismo começa a diminuir.

Certamente, não é tarefa fácil propor uma aproximação amistosa entre grupos em conflito, mas perpetuar a briga não trás benefícios para as partes envolvidas. Na parábola que temos à nossa frente foi o menosprezado e até odiado quem tomou a iniciativa de aproximação, colocando seu lado humano, generoso, muito acima das barreiras culturais que separavam os dois povos. Tanto judeus como samaritanos possuíam o Pentateuco (Torá) como regra de fé, embora houvesse, e ainda há algumas diferenças entre o Pentateuco dos judeus e o samaritano. Todavia, a passagem citada pelo advogado judeu, que fala do amor ao próximo (Lv 19,18), era conhecida por ambos. Sendo assim, a ousada proposta da parábola não é para se fingir que o outro não tem diferenças ou que essas diferenças não causam incômodos. O mais importante é ver o outro como humano, próximo, até como irmão, é o mais importante.

## **2. O MAIOR PROBLEMA DO SER HUMANO: O OUTRO**

A pergunta do mestre da lei, que gerou a parábola, foi respondida por Jesus com outra pergunta, ao passo que, após a primeira resposta do mestre da lei e a concordância de Jesus com a suma que o mesmo fez da Torá, ame a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, o intérprete, não contente com a própria afirmação e tampouco com a resposta sintética e objetiva de Jesus, pergunta a ele: “E quem é o meu próximo”? Por que ele não perguntou: Amarás a qual Deus? Isto não estava em discussão, pois ele não reconhecia outro Deus além de Yahweh, mas a questão do próximo lhe causava problemas. Ele não teve o menor problema com a primeira parte da própria resposta, que se refere à relação vertical, mas se atentou e enfatizou o aspecto horizontal, que engloba os relacionamentos humanos, interpessoais, talvez se esquecendo de que não é possível ter o vertical sem o horizontal (1Jo 3,10).

Eis o que Gundry comenta sobre isso: “A pergunta feita pelo escriba: ‘Quem é o meu próximo?’, tentou arrastar Jesus ao debate rabínico sobre se o termo ‘próximo’ incluía não-fariseus e os inimigos pessoais” (GUNDRY, 1991, p. 179). É importante observarmos o detalhe acrescentado por Lucas, de que o intérprete da Lei fez a pergunta para “justificar a si mesmo”, já demonstrando conhecimento de que, apesar de saber de cor o mandamento, no seu íntimo ele sabia que não o guardava integralmente. Pela informação de Gundry, parece-nos que o círculo de “próximos” do intérprete da Lei era bastante restrito, seletivo, pelo que ele, certamente, foi provocado ao extremo por Jesus com o teor da parábola do Bom Samaritano.

Notamos que no início do texto Lucas afirma que o intuito do intérprete da Lei era testar a Jesus, provavelmente vendo-o como um adversário que atraía multidões e que precisava ser envergonhado publicamente, mas, com a rápida resposta que recebeu, o foco muda e a sua motivação passa a ser a si próprio, gerando uma pergunta defensiva, que não visava entender sinceramente a Lei para alcançar o cumprimento mais elevado exigido por ela, mas sim adaptar a verdadeira interpretação da Lei ao que ele já fazia, ou seja, “amar” apenas aos poucos que faziam parte do seu círculo de convívio religioso. Esta parábola torna-se extremamente provocadora e profunda a partir da maior dificuldade humana, a saber, o convívio com o próximo e suas diferenças. Apesar de simples e curta, ela é proferida para ficar nas páginas da história como uma mensagem universal e atemporal, continuando a provocar-nos todos os dias, adentrando às nossas almas nas partes mais íntimas, onde escondemos os nossos preconceitos e, muitas vezes, ódio teológico.

### **3. QUANDO A RELIGIÃO FALHA EM SUA MISSÃO**

É natural que a sociedade espere mais daqueles líderes que representam as religiões, já que o líder é visto como um exemplo de vida a ser seguido. A prática, todavia, demonstra outra realidade e, por vezes, o comportamento de alguns líderes provoca escândalos nas pessoas, revertendo o sentimento de respeito para menosprezo, arranhando de modo irreversível a imagem de alguns grupos religiosos.

Na parábola do Bom Samaritano, o homem necessitado de ajuda descia de Jerusalém para Jericó, a primeira considerada como a capital abençoada,

pela mentalidade judaica, enquanto a segunda contemplada como a cidade amaldiçoada, indigna de ser reconstruída (1Rs 16,34). Este detalhe é sugestivo, pois pode nos levar a pensar que este homem, provavelmente um judeu, nada tinha que viajar para uma cidade como Jericó, símbolo da maldição e da ira divina para os hebreus. Há também um aspecto geográfico, explicado por Champlin: “Nos dias de Jerônimo, essa estrada era conhecida pelo nome de ‘caminho sanguíneo’ por causa da alta incidência de crimes horrendos, ali cometidos” (CHAMPLIN, 1995, vol. 2, p. 109).

Estando no *lugar errado e na hora errada*, o pobre homem foi assaltado, espancado, deixado quase morto e jogado na estrada. Por acaso, ali estava de passagem um sacerdote que “passou de largo”, ou seja, atravessou a rua, passou pelo outro lado da estrada. O texto informa que o sacerdote o viu, sugerindo-nos que ele avistou o homem espancado de longe e, para evitar passar perto do sujeito, mudou de lado antes de chegar até onde ele estava. A atitude do levita, também religioso como o sacerdote, responsável por cuidar das coisas sagradas, foi a mesma. Gundry tem um comentário interessante sobre esta atitude:

O sacerdote e o levita temeram contaminar-se cerimonialmente, tocando naquilo que mais lhes parecia um cadáver. Isso lhes teria custado a compra de cinzas de uma novilha vermelha, para a purificação, a perda de privilégios do templo, como comer dos sacrifícios do templo pelo período de uma semana de contaminação, os arranjos para o sepultamento de um cadáver e a perda de uma roupa perfeitamente boa, que deveria ser rasgada em sinal de lamentação (GUNDRY, 1991, p. 179-180).

Do ponto de vista religioso, tocar em um morto causaria inconvenientes àqueles homens. O sacerdote sequer poderia se “contaminar” com um cadáver (Lv 21,1). Ou seja, do ponto de vista legal, se ele achou mesmo que aquele homem estava morto, ele apenas estava cumprindo a Torá, numa primeira análise superficial. Por outro lado, às vezes era necessário quebrar um mandamento para cumprir outro, como o caso de ter que circuncidar alguém no dia de sábado. Neste caso, deveria prevalecer o mandamento mais importante, aquele que estivesse mais voltado para a necessidade humana. No caso dos líderes religiosos, o aspecto ritualístico foi priorizado, em detrimento da necessidade humana, uma clara inversão de valores denunciada nos evangelhos por Jesus.

De qualquer maneira, o que fica claro na parábola é que os representantes oficiais da religião, aqueles que cuidavam das coisas sagradas e eram vistos como exemplos, foram indiferentes à necessidade do próximo e agiram com total descaso para com o semelhante. Sabemos, obviamente, que os líderes religiosos são humanos e acertam e erram como qualquer outra pessoa, embora, sem dúvidas, o erro de um líder religioso causa mais espanto nas pessoas do que a falha dos demais. Por isso, entre tantas lições, a parábola do Bom Samaritano ensina-nos que o bem pode vir de onde menos esperamos e que, certamente, aqueles a quem nós elegemos como nossos ícones, vão ficar aquém do que esperamos. Leonardo Boff expressa este sentimento:

Se contemplarmos a história moderna da conscientização e da elaboração dos direitos humanos, constatamos, perplexamente, uma dolorosa ausência da igreja [...] Praticamente, o que hoje são considerados direitos fundamentais, foram um dia rechaçados pela oficialidade da Igreja (BOFF, 1984, p. 63).

Não é nosso intuito debater acerca do que Boff fala, mas apenas ver como é comum, na religião, a decepção vir com os que são “de dentro”, com aqueles de quem mais esperávamos. Por isso, esta parábola quebra qualquer sentimento sectarista, exclusivista, já que traz à tona a nossa própria falha, a indiferença daquele que se vê como eleito de Deus diante do próximo e condena os de fora, aqueles que não participam do seu grupo. Sendo assim, a decepção religiosa pode produzir maiores reflexões sobre como olhamos o outro, aquele grupo de pessoas sobre o qual pensamos muito mal, desprezamos, não esperamos qualquer atitude nobre, espiritual, e queremos, a qualquer custo, que passe para o “nosso lado”, o que não significa conversão de atitudes, que visa melhorar-nos como seres humanos, mas apenas objetiva aumentar o nosso grupo religioso em número de membros.

#### **4. O PROBLEMA DO MAL CONTINUA SEM SOLUÇÃO**

O problema do mal, que ocupa tantas páginas nos livros de teologia e de filosofia, não é discutido na parábola do Bom Samaritano. Nela não se explica a origem do sofrimento, das injustiças, do mal e tampouco há uma tentativa de se explicar porque coisas ruins acontecem a pessoas boas. Se for assim, por que mencioná-lo então?



Embora seja claro que o objetivo da parábola não é discutir o problema do mal, é notório que ela sugere uma postura prática diante deste fato, transmitindo-nos uma lição profunda diante da dificuldade que temos em lidar com o sofrimento humano. Embora esta opinião seja uma conjectura, não fazendo parte direta da exegese do texto, a omissão de explicações desta natureza pode ser proposital, ensinando-nos que, diante do sofrimento, a nossa obrigação é fazer o bem, não especular o porquê aquilo está ocorrendo.

A especulação filosófica não é vedada a nós, mas a atitude de amar, fazer o bem, ajudar, se doar e se colocar no lugar do outro é muito mais nobre e espiritual do que entrar em crise de fé por não conseguir entender como um Deus bom e onipotente permite que ocorram tantos sofrimentos ao ser humano. Não há dúvidas de que as duas coisas podem acontecer com a mesma pessoa, mas uma das lições da parábola é que o nosso tempo deve ser mais voltado ao amor, à prática do bem, do que aos tormentos gerados pelas não-respostas. Boff fala do aspecto social contido na parábola: “Este cuidado pelos pobres, independentemente da fé e do Evangelho, possui uma dignidade em si mesmo, ainda que, como no caso da parábola do Bom Samaritano, se trate de um herege” (BOFF, 1984, p. 53). Ainda que não sejam apenas os pobres que sofram, a falta de recursos financeiros limita e muito o ser humano na busca de sua dignidade e é uma atitude nobre, embasada pela parábola, aliviar-lhes os sofrimentos temporais.

Outro aspecto importante da parábola é a mensagem de que o mundo não é um mar de rosas e a Bíblia não faz promessas irreais. Neste mundo, muitas vezes o mal prevalece, a justiça não é feita, o homem bom perece e a maldade se prolonga. Esta constatação levou Asafe a ter uma grande crise de fé (Sl 73) e é tema fundamental do livro de Eclesiastes. O livro *Cândido ou o Otimismo*, do filósofo Voltaire, foi escrito justamente para satirizar o pensamento de que o mundo é excelente e um lugar maravilhoso para se viver. Neste clássico da filosofia, uma obra de ficção, o jovem Cândido era discípulo de Pangloss, um filósofo que contemplava o mundo sempre de maneira otimista e com propósitos pré-definidos para todas as coisas, boas e más. Embora tivesse grande veneração pelo mestre, Cândido começa a sofrer uma série de infortúnios e desgraças que contradizem a filosofia de Pangloss e a experiência de vida muda os seus conceitos de modo contundente. A experiência de Voltaire com um terremoto em Lisboa, que matou muitas pessoas, deixou o filósofo muito chocado e cooperou para ele atacar o otimismo excessivo de Leibniz.

Portanto, se alguém procurar nesta parábola ou nos discursos de Jesus explicações teológicas e filosóficas para o problema do mal, certamente não encontrará respostas. Todavia, se buscar nele qual deve ser a nossa postura diante da necessidade do próximo, encontrará, abundantemente, conselhos práticos e objetivos, onde a dificuldade de entendimento será mínima, mas a dificuldade de praticar será grande, pois não faz parte do instinto humano amar a todos, mas, para alcançar este grau de espiritualidade, o homem precisa renunciar boa parte de si mesmo, do seu egoísmo.

## **5. VENCENDO O PRECONCEITO E ULTRAPASSANDO A OBRIGAÇÃO**

Após a indiferença do sacerdote e do levita para com o ferido, eis que o samaritano, movido de íntima compaixão, resolve interromper sua jornada para ajudar ao judeu ferido. Neste ponto da parábola é provável que um choque tenha ocorrido aos ouvintes de Jesus, em especial ao mestre da lei, que talvez não estivesse acreditando no que ouvia. Se um samaritano estivesse contando esta parábola, os ouvintes não iriam estranhar, mas um judeu, um irmão de sangue?

Champlin mostra como a parábola foi surpreendente para a mentalidade judaica de então:

Os adversários de Jesus teriam ficado perturbados ainda mesmo que Jesus tivesse usado um “leigo” como contraste a um “sacerdote”, que pusesse este sob uma luz desfavorável; quanto mais quando esse contraste foi fornecido por um odiado “samaritano”. Acrescente-se a isso o fato que o homem assaltado pelos ladrões quase certamente seria um judeu. E assim vemos que um samaritano é que ajudou a um judeu (CHAMPLIN, 1995, vol. 2, p. 110).

Lopes reforça o objetivo da parábola no combate ao preconceito:

Os estudiosos chegam mesmo a pensar que o livro de Rute foi escrito para combater as tendências exclusivistas de alguns judeus que consideravam todos os demais homens excluídos da esfera do cuidado e interesse de Deus. Esses estudiosos entendem que assim como Jesus contou a parábola do Samaritano para derrubar a prepotência e a arrogância dos judeus

exclusivistas, Rute tenha sido escrito para enaltecer como heroína uma moabita que haveria de tornar-se ancestral do grande rei Davi (LOPES, 2007, p. 21-22).

Ainda que o comentário de Lopes seja sobre o livro de Rute, ele estabelece um paralelo interessante com a parábola que ora analisamos, pois em ambos os casos o preconceito e o ódio eram grandes, pelo que concluímos que estes problemas são universais, daí também a universalidade da parábola. O preconceito é um sentimento difícilimo de vencer, pois, muitas vezes, ele está enraizado em nós, em nossa cultura, em nossa família, na mídia, como um maléfico sentimento onipresente, invisível, mas poderosíssimo, um grande fomentador de ódio, que continua a separar as pessoas com muita eficácia.

Por mais que tenhamos conhecimento do fundo histórico, é muito difícil reproduzirmos o mesmo sentimento que um povo viveu, sendo que a nossa realidade é outra, que os nossos costumes, mentalidade, religião e cultura são diferentes. Por isso, levando-se em consideração o abismo que separava judeus e samaritanos de então, a parábola do Bom Samaritano só poderia produzir duas reações: Uma completa mudança de mentalidade no que concerne a enxergar o outro ou um ódio contra Jesus e contra sua mensagem. A leitura dos evangelhos é clara quanto às duas reações demonstradas por pessoas diferentes.

Aqui na parábola, o samaritano, ao ver o judeu ferido, sentiu uma compaixão que veio do íntimo da sua alma, o que sugere que aquele que era visto da pior maneira possível no cenário judaico demonstrou uma espiritualidade distinta, sendo capaz de ultrapassar as barreiras culturais, o preconceito, o ódio entre os povos, cumprindo o mais importante da Lei, a mesma Lei que, do ponto de vista ritual, era guardada com extremo rigor pelos religiosos judeus, escribas, fariseus e saduceus. A teologia do samaritano fez do próximo qualquer um, ainda o mais distante, mesmo aquele que o enxergaria como um amaldiçoado. A universalidade e atemporalidade da mensagem consistem em que nós podemos trocar o sacerdote, o levita e o samaritano por quaisquer outras figuras do nosso contexto histórico, por aqueles contra quem temos preconceito e desprezo, e vendo em qual momento o nosso íntimo diz que somos melhores, mais santos, mais próximos de Deus do que o próximo. É fácil vibrarmos com a “surra” que o escriba levou por seu preconceito, mas é difícil adaptarmos a parábola para a nossa realidade cotidiana e nos colocarmos no centro da mensagem, como se nós,

e não o intérprete da Lei fôssemos aqueles que precisamos refletir se não somos muito parecidos com o tal escriba nas nossas atitudes e teologias.

O samaritano não apenas venceu o preconceito, como também foi extremamente generoso, outro ponto enfatizado na Torá como algo de grande relevância. A King James Version, página 254, nos dá uma informação que mostra até onde chegou a generosidade do samaritano: “Dois denários de prata correspondiam a dois dias de trabalho e eram suficientes para custear cerca de dois meses numa hospedaria”. O exagero de Jesus ao citar esta quantia monetária certamente foi intencional, pois visou demonstrar que o samaritano fez muito mais do que o necessário, já que um viajante, ainda que tivesse ficado muito machucado devido ao imprevisto, dificilmente precisaria ficar dois meses na estalagem. Não contente com isso, ele ainda se comprometeu a voltar e, se necessário, pagar quaisquer despesas extras que os dois denários não cobrissem.

Após encerrar a parábola, Jesus, ao bom estilo judaico, responde com uma pergunta: Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? Era preciso fazer esta pergunta para que o intérprete da Lei entendesse a parábola? Certamente não. Todavia, a confissão vinda de sua própria boca serviria para Jesus concluir sua lição e ir embora, orientando ao mestre da lei a fazer o mesmo que fez o piedoso homem. Ele, perplexo e escandalizado diante da parábola, sequer ousou pronunciar a palavra, “samaritano”, mas preferiu dizer: “O que usou de misericórdia para com ele”. O nível de espiritualidade proposto por Jesus é muito elevado, de fazer o bem até mesmo ao mais odiado e desprezado dos homens, o que contrasta com a reação do escriba, que sequer conseguiu pronunciar a nacionalidade do samaritano bondoso. Certamente este abismo entre o ideal proposto e o que somos não é um “privilegio” do escriba da parábola, mas, indubitavelmente, se aplica a todos os homens, pois, para termos este nível de compaixão pelo sofrimento do próximo e esta identificação com os discriminados, precisamos passar por uma profunda transformação na alma.

## **CONCLUSÃO**

A mensagem cristã continua aberta a todos os homens, em todos os lugares e épocas. Para isso acontecer na prática, faz-se necessário fazermos exegese séria, respeitando sempre o fundo histórico do texto bíblico, a fim

de contextualizarmos a Palavra de modo inteligível às pessoas do nosso tempo, fazendo-as absorverem o cerne do que está escrito.

Sendo assim, não temos dúvidas sobre a total aplicabilidade da mensagem da parábola do Bom Samaritano para os nossos dias, pois, ao tratar de problemas humanos, ela jamais poderia se limitar à época em que foi proferida. Preconceito, ódio e desprezo pelo próximo não se extinguiram e, devido à nossa difícil condição humana que tende a acumular o mal com muita facilidade, a atitude do samaritano continua: removendo-nos do nosso lugar comum de exclusivismo e comodismo espiritual.

Todavia, o tom romântico desta mensagem não deve limitar o nosso olhar apenas ao aspecto teórico, pois a beleza da parábola contrasta com a dificuldade em aplicar suas verdades, as quais visitam cada porção das nossas almas, aqueles lugares que não temos coragem de mostrar nem aos mais chegados, mas que o exemplo do bom samaritano visita, invade, nos convidando a agirmos de modo diferente.

## **BIBLIOGRAFIA**

*Bíblia sagrada, Almeida revista e corrigida.* São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

JAMES, King. *Os quatro evangelhos.* São Paulo: Abba Press Editora, 2002.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre.* Petrópolis: Vozes, 1984.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O antigo testamento interpretado versículo por versículo.* 2ª edição. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo.* São Paulo: Editora Candeia, 1995.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do novo testamento.* 4ª edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

LOPES, Hernandes Dias. *Rute: Uma perfeita história de amor.* 1ª edição. São Paulo: Hagnos, 2007.

VOLTAIRE. *Cândido ou o otimismo.* Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.